

OFENSIVA DAS ESTRANGEIRAS

Grandes empreiteiras deixam de ser protagonistas na engenharia pesada e construção, abrindo espaço para operadoras de fora, que adquirem vários ativos Por Lauro Veiga Filho

Frischtak, da Inter.B: mudança meio subterrânea

A crise que se instalou na indústria de construção e engenharia, a partir de 2014, exigirá pelo menos mais dois anos de ajustes, na avaliação do economista Cláudio Frischtak, da Inter.B Consultoria Internacional de Negócios. Para ele, neste momento há “uma mudança grande, mas meio subterrânea” na área, que não tem ganhado o devido destaque por conta do nível de ruídos da crise política. Diante da retração na economia brasileira, agravada pelos desdobramentos da Operação Lava-Jato, o processo de reestruturação do setor, afirma Pablo Sorj, sócio de infraestrutura do Mattos Filho Advogados, não se esgotou, mas é possível antever como poderá ser o desenho desse mercado.

A nova formatação tende a incluir operadoras multinacionais, entre grupos canadenses, alemães, franceses, espanhóis e chineses da área de logística de transportes, petróleo e gás, energia e saneamento, além de outras, e fundos de investimentos brasileiros e internacionais. Haverá espaço para médias empresas de construção, em associação ou em consórcio, a depender de como se encaminharão as próximas concessões, assim como para algumas das maiores empreiteiras, que serão mais enxutas e com papel menos relevante.

Entre as maiores, aponta Fernando Camargo, diretor da LCA Consultores, é provável que algumas consigam superar a fase atual, aquelas com baixo endividamento, níveis mais elevados de liquidez e bons ativos. “É difícil arriscar qualquer prognóstico, porque o setor vive um cenário de terra arrasada, seja como consequência da crise fiscal no Estado, seja pelos efeitos da Lava-Jato.”

Num sinal da crise, o crédito de longo prazo para infraestrutura e, especificamente, para a indústria da construção desabou a partir de 2014. Os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a área de infraestrutura, em valores constantes de abril deste ano, despencaram de R\$ 84,04 bilhões em 2014 para R\$ 25,50 bilhões nos 12 meses encerrados em abril deste ano, menos 69,7% em termos reais, com retração de 62,3% no setor de construção. As consultas, em igual período, caíram de 69,3% e de 82,6% para todo o setor de infraestrutura e para a construção, pela ordem, estacionando em R\$ 39,58 bilhões e R\$ 1,25 bilhão. O apoio do banco à exportação de serviços de engenharia, que havia alcançado US\$ 1,47 bilhão em 2012, fechou 2016 em US\$ 43,31 milhões, encolhendo 97,1%.

Para Frischtak, o mercado encerra um ciclo marcado pelo protagonismo das grandes empreiteiras. “Um conjunto de leilões bem-sucedidos realizados pelos governos federal e de São Paulo surge como indicação concreta de para onde o setor está indo.” Frischtak refe-



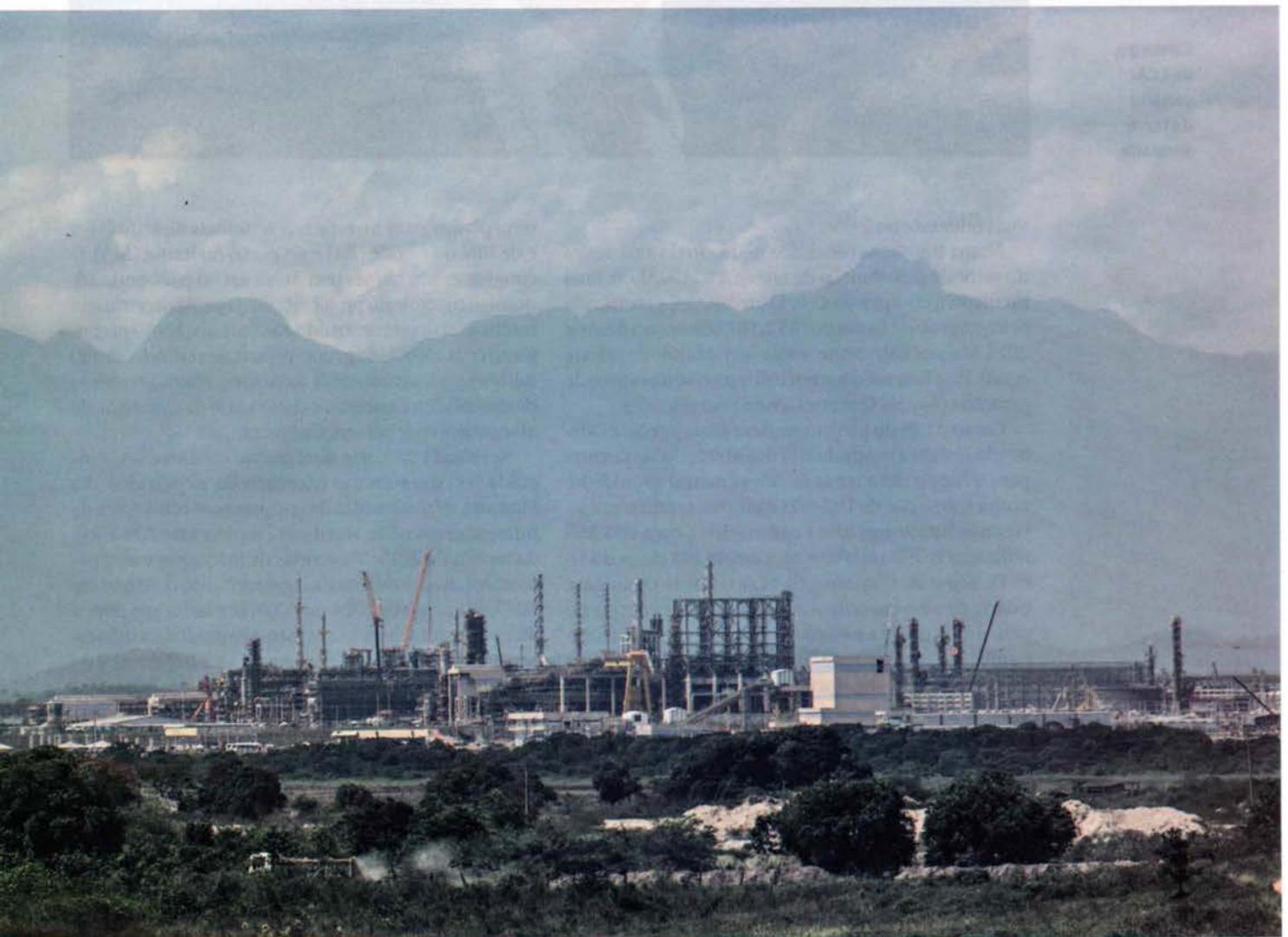
LEO PINHEIRO / VALOR

re-se aos leilões dos aeroportos de Fortaleza, Salvador, Florianópolis e Porto Alegre e às concessões das rodovias que ligam Florínea a Igarapava, no centro-oeste paulista, e Itaporanga a Franca, que passam às mãos, respectivamente, do fundo Pátria Investimentos e da Arteris. Em Fortaleza e Porto Alegre, a alemã Fraport AG, que detém a gestão do aeroporto de Frankfurt, foi a vencedora. A francesa Vinci Airports e a suíça Zurich International Airport AG levaram os leilões em Salvador e Florianópolis.

“As grandes empreiteiras vão para o assento traseiro e não vão mais direcionar os leilões. As operadoras, sobretudo estrangeiras, como no caso dos aeroportos citados, passam a comandar o processo e deverão contratar empresas para a execução das obras a custos menores, além de otimizar a engenharia e os serviços associados.”

O apetite de investidores internacionais dependerá da qualidade dos projetos, observa Sorj, lembrando o leilão de linhas de transmissão realizado em abril. Conforme Mário Humberto Marques, vice-presidente da Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração (Sobratema), a contratação de 31 entre as 35 linhas ofertadas foi de fato uma sinalização importante, embora tímida diante das dificuldades que o setor enfrenta. O leilão, que registrou deságio médio de 36,5% sobre a receita máxima fixada pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e contratou investimentos de R\$ 12,7 bilhões, marcou a participação de empresas que ainda não atuavam no setor de transmissão, destacando-se a presença da EDP Energias do Brasil e da indiana Sterlite Power Grid Ventures, estreante no Brasil. Da mesma forma, a ISA Cteep teve participação

**Comperj,
Itaboraí (RJ):
polêmica
na retomada
das obras**



ALINE MASSUCA / VALOR



Camargo,
da LCA:
cenário
de terra
arrasada

mais relevante no leilão.

Numa transação concluída no início do ano, agora no setor de distribuição de energia, a espanhola Enel finalizou a compra da Celg Distribuição, privatizada pelo governo de Goiás por R\$ 2,187 bilhões no final de 2016. Mais recentemente, anota Sorj, o fundo de private equity First Reserve demonstrou interesse nos ativos de geração eólica da Queiroz Galvão Energia.

Como parte do projeto de desalavancagem, a Odebrecht fechou a venda de 70% da Odebrecht Ambiental para o fundo canadense de investimento Brookfield, numa transação de US\$ 908 milhões, tendo o grupo japonês Sumitomo como coinvestidor, com US\$ 250 milhões. Os 30% restantes continuam nas mãos do FIFGTS. Segundo Camargo, da LCA, o fundo canadense estaria de olho em outros ativos na área de energia no país. Assim como a espanhola Acciona se está estruturando para participar de leilões de concessão nas áreas de energia e de saneamento, e a francesa Suez estuda investimentos no setor de água e esgoto.

A coreana Veolia e a francesa Actis estariam na fila, com foco respectivamente em saneamento e parques eólicos e pequenas centrais hidrelétricas. Entre outros grupos que poderão estrear em infraestrutura e transportes, encontram-se a alemã HTB (antiga Hoechstief), que atua por aqui na área de edificações e projetos industriais, e a espanhola Ferrovial.

De acordo com Sorj, a relação de investidores inclui a China Communications Construction Co (CCCC), que

teria planos para investir nos terminais de Miritituba e de Vila do Conde (PA) e no porto do Itaqui (MA). O conglomerado chinês tem negócios no país, onde adquiriu o controle do projeto de um complexo portuário multicargas a ser construído em São Luís (MA), em conjunto com a WPR, do grupo WTorre, investindo R\$ 350 milhões para assumir 80% de participação na empresa de engenharia Concremat como parte da estratégia de assegurar maior presença no setor.

Resultado do corte abrupto no crédito e das dificuldades para retomar encomendas e contratos, diz Marques, o faturamento das empresas de construção de infraestrutura neste ano deverá representar 30% a 40% da receita de 2015. "As vendas de máquinas e equipamentos para a indústria da construção vão retornar, em 2017, aos níveis de 2006 ou 2007, se não for um pouco abaixo disso. Incluindo a construção predial e a infraestrutura, o setor responde hoje por 15% a 16% do total de 14 milhões de desempregados em todo o país."

Com base num levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a pedido da Federação Nacional de Engenheiros (FNE), seu presidente, Murilo Pinheiro, diz que entre os desempregados no setor formal se incluem 48.562 engenheiros dispensados entre 2014 e abril deste ano. "As demissões repercutem negativamente no desenvolvimento tecnológico da engenharia nacional." Para ele, o corte derivou em parte da própria crise econômica e do impacto da Lava-Jato. "O combate

à corrupção deveria buscar os responsáveis entre executivos e acionistas, preservando as empresas.”

Pinheiro critica a decisão da Petrobras de convidar apenas empresas de capital estrangeiro para a retomada das obras da unidade de processamento de gás natural do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), num projeto de US\$ 2,2 bilhões a ser concluído em 2020, e a flexibilização das exigências de conteúdo nacional nas contratações da indústria de petróleo e gás.

O grupo Andrade Gutierrez, que fechou em maio de 2016 acordo de leniência com o Ministério Público Federal no valor de R\$ 1 bilhão e assinou mais três acordos com o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), sem penalidades financeiras, consolidou, em 2016, a participação na Denis Group (empresa de engenharia focada no setor de food&beverage para clientes privados nos Estados Unidos). O ano foi marcado pela contratação de cerca de R\$ 3,6 bilhões em novos contratos no ramo privado, “com a formação de parcerias com grandes empresas, como Hyundai e DuPont”.

O grupo concluiu a rolagem de 100% das dívidas da Andrade Gutierrez Engenharia, que venciam em 2016, e reduziu despesas administrativas em 20%, depois de ter a receita líquida reduzida em 47,4% desde 2014, de R\$ 7,45 bilhões para menos de R\$ 3,92 bilhões. A empresa de engenharia concluiu, no fim de outubro de 2016, a venda da

subsidiária Aguas de Bayovar para a empresa americana Seven Seas Water, parte do grupo AquaVenture Holdings, reforçando o caixa em US\$ 45,7 milhões.

A Construtora Camargo Corrêa, afirma Décio Amaral, seu presidente, teve a receita líquida reduzida em 38% entre 2015 e 2016, para R\$ 1,87 bilhão. Mas reverteu as perdas de 2015 com lucro líquido de R\$ 124 milhões. “O cenário econômico para 2017 não é bom, não há expectativa de recuperação das receitas no ano.” Segundo ele, a construtora conseguiu fechar novos contratos, “que virão recompor as receitas nos próximos anos”.

Primeira grande empresa do setor a concluir acordo de leniência com a Justiça, de R\$ 804 milhões a valores de 2015, segundo Amaral, a construtora assumiu o compromisso de corrigir irregularidades e aprimorar mecanismos de controle interno e de compliance, adotando medidas para se ajustar à conjuntura econômica, mas preservando “competências e capacidade operacional”.

O grupo Camargo Corrêa vem igualmente se desfazendo de ativos que não compõem o core business, vendendo, em 2015, o controle do Alpargatas para a J&F Investimentos, holding da JBS. Em 2016, o grupo passou a participação de 23% no bloco de controle da CPFL Energia para a estatal chinesa State Grid Corp, numa transação de R\$ 5,85 bilhões.

O FUTURO E O AGORA, A GENTE CONSTRÓI COM QUALIDADE E ÉTICA.

Desde 1969, a gente se realiza ao ver cada projeto tomando forma. Trabalhamos com segurança e transparência. Nossa motivação vai além da construção.

Nossas fôrmas, andaimes e escoramentos contam com tecnologia alemã, e nossa equipe oferece um atendimento próximo e diferenciado, pois cada solução tem muito do nosso coração.

Prêmio PINI - Melhores da Construção
 1º lugar: Escoramentos e fôrmas para concreto desde 1999.
 1º lugar: Andaime fachadeiro e fôrma de alumínio, desde 2011.

www.sh.com.br | 0800 252 2125 | Empresa associada à ABRASFE

Nossa estrutura é feita de gente.